

JACI BEZERRA

**ROMANCES**

Edição de "Estudos Universitários"

Revista de Cultura da Universidade  
Federal de Pernambuco

1 — *Jaboatão*

*Nutrida palha cortante  
como um gume de navalha  
o canavial é um canto:  
— um canto feito de palha.*

CÉSAR LEAL

É, e sempre foi assim,  
juro a vossa senhoria  
minha cidade, esquecida  
da gente das cercanias.

Não conhece essas histórias  
líricas, que o senhor disse  
sobre os casarões e o povo  
da cidade do Recife.

Não sabe de baronesas  
e bacharéis, afinal  
ela não saiu da infância  
e nem do canavial.

Conheceria de belo  
as suas planícies verdes,  
não existissem os defuntos  
com que mata a fome e a sede.

Os quais (o vento nos diz)  
perdendo as feições humanas,  
renascem depois na terra  
como dúcteis pés de cana.

E o vento ainda nos diz,  
com voz ondeante e clara,  
que os mortos renascem verdes  
como os olhos de uma Yara.

E movem as palhas, trêmulos,  
indo para lá e cá,  
acenando como braços  
verdes e móveis de mar.

Vê, assim, Vossa Senhoria,  
que estas planícies, com fome,  
comem a própria beleza  
à medida que nos comem.

Aqui a gente a desdobra  
como uma toalha, na mesa  
onde se servem usinas  
(duas, nessa redondeza)

e o usineiro de óculos,  
sapatos, roupa de listas,  
igual a um homem que vi  
na capa de uma revista.

O menino do usineiro,  
louro, delgado e franzino,  
vestido como se fôsse  
modelo de figurino.

E o rio, bravo ou pacífico,  
que tantas cidades têm,  
pois quando deseja, a invade  
sem pedir ordem a ninguém.

Pode Vossa Senhoria  
comigo não concordar,  
mas quem a conhece um dia  
jamais a apaga do olhar.

E nunca a atravessará  
com o receio de quem passa  
por uma rua molhada  
erguendo as pernas das calças.

Ao contrário, em suas ruas,  
livre, com ela a guiá-lo,  
como um escoteiro, a decora  
inteira: da flor ao talo.

Saiba Vossa Senhoria  
que esta cidade, franzina,  
à noite, prosa com bichos,  
rios, sobrados, usinas.

E por isso, o vento aqui  
deixa sempre o dismantêlo  
na roupa de quem se envolve  
nos fios dos seus cabelos.

Pois o vento, o mesmo vento  
que sopra onde quer que queira,  
é quem nos conduz, às vêzes,  
por serras, montes, ladeiras.

Peço a Vossa Senhoria  
o favor de não pensar  
que o cidadão que lhe fala  
já começa a divagar.

Querendo, Vossa Senhoria  
pode, comigo, escutar  
a prosa dessa cidade  
e dos bichos do lugar.

Verá, como os vi, sentados,  
na vasta planície, juntos,  
abordando longamente  
os mais agrestes assuntos.

Uma cabra mastigando  
a grama do chão enxuto  
e um galo de crista longa  
bicando a casca de um fruto.

Indiferente à maneira  
de como estejam sentados,  
Vossa Senhoria ouvirá  
sombriamente, calado.

Assim ouvirá a usina  
recordar um engenho antigo,  
que morou nesta planície  
e era, creio, seu amigo.

Perto do engenho existiam  
homens, plantas, animais  
e uma vila desolada  
que já não existe mais.

Embora de longe, a vila  
não lhe parecia bela,  
porém tinha suas casas  
e gente morrendo nelas.

Era vila conhecida  
na agreste Zona da Mata,  
com suas moças morenas  
e os seus homens de alpercatas.

Havia sempre um menino  
magro, conduzindo um cão,  
ou uma cabra enfeitando  
sua vasta solidão.

E dois homens se encontrando  
à porta de um baracão,  
jogando a existência inteira  
no gume do seu facão.

A usina nos conta ainda  
que, assim como viu nascer,  
viu em pouco tempo a vila  
encolher-se até morrer.

Não sei se é certo, aliás,  
dizer que a vila morreu:  
foi uma sêca bravia  
que um dia a viu e comeu.

A usina ainda acrescenta  
com voz pausada e tranquila:  
Só depois de esvaziá-la  
a sêca comeu a vila.

Depois ela diz mentindo  
que não deseja rever  
enquanto viva, outra vila  
nesta planície morrer.

Aí é um rio quem fala  
e lembra à gente outro rio  
que, de perto, conhecia  
marujo, barcos, navios.

E tinha a roupa azulada  
e desbotada do céu  
que os homens dessa cidade  
carregam sôbre o chapéu.

Sendo rio nordestino  
dizia ter uma mágua:  
não poder chegar ao mar  
por sofrer de falta d'água.

E o próprio rio nos diz  
nunca poder encontrar  
nenhum rio que resista  
ao apêlo azul do mar.

Às vêzes, dizia em vão  
que já ouvira contar  
ser um partido de cana  
a cópia fiel do mar.

O nosso rio, assombrado,  
vislumbra no seu caminho,  
o mar entrar pela bôca  
dos engenhos, seus vizinhos.

Vê ainda, enquanto vai  
fluindo sinuosamente,  
o mar de cana engolindo  
um imenso mar de gente.

De onde conclui ser o mar  
a bôca enorme e maior  
dos engenhos que devoram  
dois mares de uma vez só.

Daí em diante o rio  
fica a murmurar consigo:  
não sei se fala da gente  
ou do rio seu amigo.

Um galo, então, diz do mêdo  
que sente quando levanta:  
teme que a manhã não brote  
clara de sua garganta.

E nos relembra outro galo  
cinzento, seu companheiro,  
que se finou trespassado  
pela manhã, no terreiro.

Foi daí que concluí  
um tanto contrariado,  
ser êste ofício de galo  
ofício muito arriscado.

Também nos diz dos olhares  
trocados na sacristia  
de uma igreja, entre o vigário  
e uma filha de Maria.

Mas acrescenta em seguida  
não saber se aquilo é exato:  
sòmente escutou e o povo,  
aqui, vive de boatos.

E um boi relatando a vida  
que leva numa fazenda,  
diz da mulher sua dona,  
senhora de grandes rendas.

Conta que viu, quando ia  
a caminho do celeiro,  
ela entregar-se ao vizinho,  
também rico e fazendeiro.

E conta que sendo amante  
só do seu capim, discreto,  
cerrou os olhos redondos  
e retirou-se de perto.

Diz também que aqui é má  
o viver de um boi, ou touro,  
mesmo antes de achar a bôca  
aberta de um matadouro.

Pois embora um boi trabalhe  
do nascer ao pôr do sol,  
não acha, quando escurece,  
água e feno no paiol.

É boi de cria e não pode  
ter uma vida pacata  
pois não lhe sai da cabeça  
o fio azul de uma faca.

Pachorrentamente afirma  
que é de muito longa idade:  
êle é um boi muito sério  
e não falta com a verdade.

Assim palestram os bichos  
e esta cidade, diria  
que prosam como prosamos  
eu e Vossa Senhoria.

Acredito, se estivesse  
onde está Vossa Senhoria,  
ouvindo coisas como essas  
de igual modo sorriria.

Mas é assim a cidade  
que estou aqui a contar:  
cabe a Vossa Senhoria  
apenas me acreditar

Mesmo Vossa Senhoria  
pode, quando eu terminar  
minha prosa, ir confirmá-la  
com os moradores de cá.

Muito melhor prosseguirmos  
com o nosso cavaquear,  
dizendo as coisas que ouvi  
e as que vi com meu olhar.

Esta cidade parece  
que já nasceu diferente  
e, não sei por qual motivo,  
dói sempre dentro da gente.

E hoje sente vergonha  
dos que a fizeram nascer:  
só vergonha do que é,  
não do que devia ser.

Muitíssimo a preocupa  
a indumentária que traz:  
bichos, praias, chalés, gente  
e muitos canaviais.

Sabe que dessa maneira,  
apenas de véu e capa,  
não pode fazer figura  
entre as cidades do mapa.

Ela adora o alfaiate  
que sofre de hipocondria,  
e à tarde se sente à porta  
de sua alfaiataria.

Talvez porque êle conhece  
e lhe conta o dia inteiro  
estórias de retirantes,  
engenhos e cangaceiros.

Às vêzes, quando anoitece,  
à sombra de um oitizeiro,  
êste alfaiate conversa  
longas horas com os carreiros.

Êle é quem nos conta o caso,  
com um risinho gaiato,  
daquele usineiro morto,  
à faca, dentro do mato.

O qual, durante o velório,  
descrente de sua sina,  
ordenou a um retirante  
que lhe calçasse as botinas.

E dêsse ouviu, espantado,  
do fundo do seu caixão,  
que morreria também,  
mas não as calçava, não.

Ela conhece o soldado  
moreno da fraguesia,  
o que ama e faz a côrte  
à viúva da olaria.

Aquele que ao vir a noite  
tira os coturnos e a farda  
e dorme com a viúva  
acesa, numa mansarda.

A mim já fizeram crer,  
não uma, mais de uma vez,  
que êles dois nessa mansarda  
apenas jogam xadrez.

Para mim êste é assunto  
de muito pouca valia,  
mas talvez tenha importância  
para Vossa Senhoria

Esta cidade menina  
ama, mais do que supomos  
aos homens, gêmeos das canas,  
e também feitos de gomos.

É uma cidade humana  
e nela dói, como em mim,  
o viver de sua gente  
coberta de escuro brim.

Um poeta do Recife,  
se o meu entender não falha,  
diz ser o canavial  
um canto feito de palha.

Acho, de palha cortante  
como um gume de navalha:  
fere a existência da gente  
que dentro dêle trabalha.

E isso me leva a pensar  
sentado entre o sul e o leste,  
que morrer é privilégio  
das cidades do Nordeste.

Pois só nelas tem a gente,  
sempre, o depressivo aspecto  
de quem vai ser engolido  
pela bôca de um deserto.

Veja Vossa Senhoria  
que o povo dessa cidade  
tem o olhar de quem só vive  
a vida pela metade.

O olhar de quem já perdeu  
tudo tudo tudo tudo  
E tem, como o bôlso, a vida  
vazia de conteúdo.

O canavial aqui  
lembra à vista um oceano  
que Deus deixou no caminho  
por indolência ou engano.

E causa, por isso mesmo,  
a seu dono, só enfado  
os homens que crescem nele  
e morrem nele afogados.

Cena que dilata os olhos  
e cresce e recresce em mágua,  
a dos homens se afogando  
na palha de suas águas.

Perdoe-me Vossa Senhoria  
mas o nosso conversar  
por me lembrar essas coisas  
já me começa a pesar.

E por causa disso mesmo  
deixo Vossa Senhoria  
com meu abraço mais forte  
e o meu mais limpo bom dia.

Dizendo que a minha prosa,  
como esta cidade, está  
ao dispor de quem quiser  
aprender ou escutar.

## 2 — *Capibaribe*

Trôpego, como uma cabra  
cega, a caminho do mar  
vai levando a areia rala  
e as coisas do nosso olhar.

Andando a paisagem clara  
e mórbida do lugar,  
(Recife), fala com bichos,  
gente, plantas, casas, ar.

Raríssimo ir ligeiro  
no diário retornar,  
vai prosando o dia inteiro  
que ofício melhor não há.

De manhã cedo recebe  
notícias de cá e lá:  
cartas que lê e bebe  
apenas com as tocar.

Amizade dos carteiros  
que vestem bruma e neblina,  
e o tratam como se fôsse  
adolescente menina.

E às suas águas atiram  
com um vão remorso no olhar  
as cartas que deveriam  
entregar noutro lugar.

Assim o Capibaribe  
lê notícias de Isabel,  
aquela que ardeu à noite  
e hoje usa hábito e véu.

Irmã de Sandra, a que dava  
despida à sombra do nicho,  
junto com milho e sabugos,  
pernas e seios aos bichos.

E sabe também notícias  
daquele velho Manoel  
de quem, com ajuda do vento,  
engoliu sombra e chapéu.

Sabe do menino claro  
que fica de sol a sol  
prosando com um boi manso  
no silêncio do paiol.

E do cego, seu amigo  
vestido em calças de listas,  
que canta e toca viola  
na Ponte da Boa Vista.

O cego moreno e triste  
de voz pausada e tranquila,  
que leva, quando anoitece,  
o Recife na mochila.

Demais, para quem levava  
apenas na correnteza  
façanhas de coronéis  
e estórias de baronesas.

E as famílias agarradas  
no fundo do seu quintal:  
homens, mulheres, meninos  
dentro do canavial.

Assim ajuda aos carteiros  
tão cansados do lugar,  
transportando aquelas cartas  
que não puderam levar.

Quando a época é de inverno  
seus passos são mais ligeiros,  
e êle deixa por semanas  
seu ofício de carteiro.

Mas a pressa não o impede  
de com outros rios prosar:  
pedir-lhes que levem um pouco  
de suas águas ao mar.

Então o mar que o hospeda  
desde o sol de sua infância,  
também saudará a gente  
com ondas calmas e mansas.

Falasse, o Capibaribe  
teria muito contar  
de gente, peixes e bichos  
no diário caminhar.

Como a da moça que vem,  
manhã cedo, se mirar  
no seu espelhinho verde,  
com ela mesma a conversar.

E sôlta nas suas margens,  
discretamente velada,  
molhando os seios ovais  
torna-lhe as águas douradas.

A do camelô retórico  
que vende em seu armário  
fios e pingos de chuva  
apanhados no caminho.

O mesmo que à tarde oferta  
uma flor, feita com os fios  
da chuva sêca, à viúva  
que habita um chalé vazio.

Ou se não a dêses homens  
de cana, seus inquilinos,  
que o canavial engole  
desde os dias de menino.

Artesãos das fôlhas verdes  
do fundo de seu quintal,  
plantados dentro das canas  
como outro canavial.

A existência debulhada  
inteira, entre o chão e a franja,  
chupada pela moenda  
como um bago de laranja.

Porém, segundo o que diz  
êle em sua correnteza,  
a usina sempre fez isso  
aos homens da redondeza.

Tanto que por causa disso  
houve briga e insulto já,  
entre os donos das usinas  
e o vigário do lugar.

E muitíssimo calado  
depois só tem a contar:  
coisas de malassombrados,  
de barões e dêsse ar

leve, de moça e de rio,  
que sempre foi êsse ar  
impaciente, de espera,  
de quem tem muito a contar,

e acaba contando menos  
do que promete no olhar:  
porém sempre mais um pouco  
do que ousamos esperar.

Como todo rio manso  
conhece engenhos, usinas  
e retirantes que levam  
o sol nas costas franzinas.

Assim como bacharéis  
de fraque e flôr sôbre o peito  
que dormem com as baronesas  
desbotadas, no seu leito.

Existe um homem que sabe  
as suas águas de côr,  
e o conduz à sua frente  
como um cão tão tranquilo e só.

E cão êle agora conta  
a qualquer hora do dia,  
estórias que não contava  
à gente da freguesia.

E como cão se enovela,  
olhos maduros de sono,  
ao assovio discreto  
ou acenar do seu dono.

O homens se chama João  
e, de suas margens, despe  
gente, cemitérios, bichos  
da região do Nordeste.

Foi João que o desfiou  
como linha de novelo  
e viu os homens de lama  
morrendo nos seus cabelos.

E mostrou que além de belo,  
êle, robusto ou franzino,  
mastiga diàriamente  
mulheres, homens, meninos.

Trôpego, como uma cabra  
cega, a caminho do mar  
vai levando a areia rala  
e as coisas do nosso olhar.

Andando a paisagem clara  
e mórbida do lugar,  
(Recife), fala com gente,  
bichos, plantas, casas, ar.

### 3 — *Mangue*

Saiba Vossa Senhoria,  
mesmo em época de estio,  
o vento não sopra alí  
como em Recife, macio.

Nem tange o azul dêsse céu  
e o sol, para assim tornar  
bichos, casebres e gente  
mais vivos ao nosso olhar.

Alí não espere nunca  
ver as morenas bonitas  
com quem prosa, em Dois Irmãos  
ou no Cáis de Santa Rita.

Essas, de olhos andaluzos  
brilhando por trás do véu,  
cujas sombrinhas, abertas,  
são como céus sob o céu.

Alí o senhor encontra  
distante, a paisagem nua  
e um garotinho puxando  
com longo cordão, a lua.

Mas não encontra mocinhas  
adolescendo nas telas,  
penteando tranças negras,  
nuas, em frente a janelas.

Que o mangue, quando não entra  
livre, em nossa solidão,  
planta bem dentro da gente,  
e sempre, a desolação.

Aí fica mastigando  
a nossa imaginação,  
devagar, como se fôsse,  
a gente um osso e êle um cão.

Primeiro nos come os olhos  
e a seguir a escuridão  
que não o deixou entrar,  
inteiro, no coração.

Depois que nos come os olhos  
e a escuridão, nos invade  
de modo que também fica  
no fim, com a nossa metade.

Só assim é que se explica  
porque rói tão dentro e fundo,  
como se aguçasse os dentes  
no desespero do mundo.

Aprendendo que é difícil  
dizer o quanto consome  
de homens, a extensão exata,  
medida, de sua fome.

Pois assim como devora  
um sirí ou um guaiamum,  
êle devora aos pedaços  
a angústia de cada um.

Talvez por isso quem vive  
no lugar, dá a impressão  
de equilibrar-se no gume  
afiado de um fação.

E pode, ao menor descuido,  
ande descalço, ou calçado,  
ter a vida decepada  
pelo seu gume afiado.

Daí ter dado meu crédito,  
quando me contaram um dia  
que o mangue não é cão manso  
mas cão com hidrofobia.

E é possível que, açulado,  
sem grandes gestos e alarde,  
possa abocanhar os prédios  
e o povo dessa cidade.

Que a bôca de um mangue lembra  
as guelras de um rio em cheia:  
engole, tritura, arrasta  
e depois transforma em areia.

A morte alí despe a vida  
do homem com o absoluto  
descaso de quem descasca  
apressadamente um fruto.

Porque no mangue é a morte  
a razão menos pior  
na cuia de quem mastiga  
sòmente lama e suor.

Digo a Vossa Senhoria  
que não sei a que o compare,  
mas êle dói como as côres  
de um quadro de Portinari.

Numa quarta-feira, a morte  
abortou o homem franzino  
que no Bar Savoy vendia  
bonecos de Vitalino.

No lugar onde enterrou-se,  
foram, um dia, encontrados  
dois carangueijos azuis  
e um marinheiro afogado.

Interessantíssimo em tudo:  
o marinheiro afogado  
era o homem a quem a morte  
tinha, no mangue, abortado.

No mangue o que mais nos fere  
o olhar, inicialmente,  
é a sua flora encardida  
de bichos, casas e gente.

A desolação que o veste,  
de tanta, chega a ser rara  
e se agita sôbre a lama  
como um lençol numa vara.

E tanto está nos mucambos  
fincados na areia mole,  
como no povo caído  
na massa escura que o engole.

Eu diria que à medida  
que a gente vai conhecendo,  
o mangue dá a impressão  
de uma rosa apodrecendo.

E deixa por causa disso  
naquele que o vê de perto  
um sofrimento comprido  
e vasto como um deserto.

Justificando o que é dito  
pelos camelôs do Cáis:  
quem morre dentro do mangue  
morre, meu Senhor, demais.

O lugar sempre conhece  
banguês, engenhos, usinas:  
as coisas que um rio sabe  
e, às vezes, conta em surdina.

Pois é nele que se abrigam  
diariamente os retirantes:  
gente que a usina libera,  
tendo-a resumido antes.

E indo de uma a outra usina  
vêm a ser os caminhantes  
a quem o Nordeste nega  
o nada, o pouco e o bastante.

Geralmente têm no rosto  
o impossível desespero  
de quem sôbre os ombros curvos  
carrega o sertão inteiro.

É quando o mangue os convida  
para repousar um dia,  
como, a exceção da usina,  
qualquer um de nós faria.

E onde eles vão prolongando,  
para sempre, essa hospedagem,  
que o mangue é o pouso final  
de um retirante em viagem.

Ali é que se acendeu  
com agreste melancolia,  
o girassol que enfeitava  
a pureza de Maria.

E talvez, por isso mesmo,  
ela ficou diferente,  
com um tédio enorme da vida  
e um tédio maior da gente.

Menina virgem, Maria  
tinha um ar mais divertido  
e dois peitinhos dormindo  
atrás do azul do vestido.

Hoje tem, se eu bem me explico,  
êsse aspecto distraído,  
ou vago, se assim prefere,  
das senhoras sem marido.

E isso não consta, desculpe  
a minha agressividade,  
nos desenhos sôbre o mangue  
que o senhor viu na cidade.

Que dos desenhos que vi  
sôbre o mangue, até agora,  
impressionaram-me apenas  
os do Abelardo da Hora.

Principalmente os que mostram  
longe, casas sem janelas  
e, além, mulheres arfando  
como peixes na gamela.

Claro que Vossa Senhoria  
notou, já, que eu não lhe disse  
de modo exato e completo  
como o mangue é no Recife.

Tenho cá minhas razões,  
pois o mangue, dito inteiro,  
sempre, para quem o escuta  
não é nunca o verdadeiro.

Que ali, quando nós julgamos  
ter achado a dor pior,  
é sinal de que por perto  
se encontra outra dor maior.

Assim, Vossa Senhoria  
se quer conhecê-lo bem  
deve sair da cidade  
e ir visitá-lo também.

Porém, antes de partir,  
quero por bem lhe avisar  
que se não tiver cuidado  
esquece a metade lá.